

Elementos para pensar a comunicação a partir da Análise de Discurso materialista

Boa tarde! Agradeço a presença de todos vocês neste seminário de formação, que hoje discute a Comunicação e Análise do Discurso. Para mim, é uma honra poder estar ao lado da professora Suzy Lagazzi, minha orientadora no doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, e da pesquisadora Cristiane Dias, do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb), da também Unicamp. Aproveito ainda a oportunidade para agradecer a professora Roseli Figaro, líder do centro de pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) pela acolhida em seu grupo de pesquisa e pela supervisão do meu pós-doutorado concluído este ano e aos amigos do CPCT pela convivência e, em especial a Ana Flávia e a Camila, que se envolveram mais diretamente com a organização deste seminário.

Quando a professora Roseli teve a ideia de realizar este seminário no âmbito do projeto *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*, apoiado pela Fapesp e pelo CNPQ, o interesse do grupo pela Análise de Discurso chamou a atenção. Era necessário pesquisar mais e ampliar o diálogo com pesquisadores neste campo fértil de conceitos. Acredito que este seminário será uma oportunidade importante para nós pensarmos nas nossas práticas de análise, nas nossas concepções teóricas e nas possibilidades de trabalharmos a relação da Análise de Discurso, em especial a da tradição materialista desenvolvida a partir dos conceitos criados por Michel Pêcheux e seu grupo na França e que encontrou no Brasil não apenas sua continuidade, mas uma reelaboração própria feita sob a liderança de Eni Orlandi, no IEL, acontecimento determinante para os estudos da linguagem e do discurso em nosso país. A Análise de Discurso se historicizou no Brasil, atraindo a atenção de domínios científicos variados, entre eles as Ciências da Comunicação.

Participar deste evento como palestrante também me permite ensaiar uma síntese da minha trajetória até o momento e propor ao meu grupo de pesquisa aqui na Escola de Comunicações e Artes questões que, a meu ver, são importantes para levarmos adiante as muitas análises de discursos que ainda temos a realizar em nosso projeto coletivo. Todos aqui presentes, acredito que em sua maioria com formação em comunicação, também estão convidados a participar dessa reflexão. Espero poder contribuir para que a AD se fortaleça como um campo teórico incontornável para aqueles que estudam comunicação - ou demais áreas das Ciências

Humanas - e necessitam compreender a materialidade do discurso, os movimentos de sentido, seus efeitos, as montagens discursivas e as múltiplas posições ocupadas por sujeitos ao elaborarem seus discursos. Ao estar ao lado de analistas de discurso, procuro então assumir esta posição e olhar a comunicação e o trabalho a partir dela. Peço licença e desculpas pelo tom pessoal, mas prometo ser breve nesta parte para não incomodá-los demais com notas biográficas a meu respeito.

Quando iniciei meus estudos na Unicamp, em 2003, após 15 anos de vida profissional, como jornalista em redações e assessorias de imprensa, queria colocar as práticas da comunicação em análise. Me incomodavam os sentidos circulantes hegemônicos, a ideologia reinante nos meios jornalísticos da imprensa tradicional em São Paulo. Também a organização naturalizada no trabalho, já precária, intensa e vivida como necessária para manutenção daquela ordem de coisas, era perturbadora. Era impossível não pensar nos sentidos postos e, sobretudo, em Marx, na sua crítica veemente ao capital. Mal sabia eu que naquela época o tema do trabalho do comunicador ou do jornalista também era algo a ser observado e estava ali me afetando diretamente. Foi quando decidi voltar aos estudos na Linguística. E a questão do discurso se impôs. Mas qual caminho seguir? Que linha de análise? Como bom paulistano, pensar na USP como um lugar adequado para seguir os estudos seria o caminho mais fácil. No Departamento Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências e Humanas, a linguística gerativa, o formalismo tornavam-se dominantes. Perspectivas enunciativas ou semióticas também se apresentavam como possibilidades, mas não pareciam responder diretamente à minha busca. Foi quando comecei a pesquisar e a ler os textos de Orlandi e através dela, Pêcheux. Havia uma ideia de movimento de sentidos, de uma prática de entremeio, que articulava campos diversos do conhecimento: a linguística, a psicanálise e a história, de uma forma crítica e se apropriando das contradições postas nesta articulação. Aquilo me pareceu por demais engenhoso e estimulante. Acima de tudo, porque lá havia Marx, o materialismo histórico era assumido e não negado, como já naquela época o discurso neoliberal buscava fazer. E também havia ali a herança freudiana, retrabalhada por Lacan. Sim, era uma reflexão que chamava a atenção e a ideologia se manifestava, como tem de ser. Era um esforço de construir um campo teórico, uma prática de análise em que as questões ideológicas não se escondiam sob nenhum artifício de neutralidade, mas a ideologia estava lá como injunção do sujeito e do analista, que ao assumir tal posição, buscava compreender sentido, sujeito e ideologia como indissociáveis e manifestas na base

material da linguagem e dos discursos. Praticar tal análise exige conhecimento teórico certamente, mas um trabalho do sujeito analista na compreensão de sua posição de observador, fato que considero o mais difícil de realizar numa análise de discurso nesta tradição. Colocar os mecanismos de construção da linguagem em análise, suspendê-los, enfim, numa perspectiva não formal, mas que nela se enxerguem posições de sujeito, condições de produção, formulação do discurso, circulação e efeitos de sentido me parece essencial para a compreensão de como a linguagem e os discursos se ancoram nas práticas sociais. Por isso, a opção de fazer o doutorado no IEL, atravessar a Bandeirantes, negociar alguns dias no trabalho, se impôs como um desejo, algo que, portanto, merecia ser vivido. Foi nessa época, primeiro ano do primeiro governo Lula e os ventos políticos pareciam soprar favoravelmente, que iniciei meu trabalho com a professora Suzy. Por ingenuidade ou mesmo ignorância, por um momento, esquecido das enormes contradições sociais e políticas a que estávamos submetidos, não podia prever inúmeros desdobramentos e incidências das forças históricas que estavam atuando contraditoriamente, na tentativa de conter esforços e sentidos outros para nossa sociedade, o que reforça para mim a necessidade de bem compreender as produções discursivas. Anos mais tarde, neste desenrolar da história, compreendi de fato que a pesquisa e a ciência eram também um lugar de resistência, de emergência e elaboração de outros sentidos. Lugar que devemos continuamente preservar e lutar por ele.

Essa posição teórica-analítica, de base materialista, orientou a formulação do meu trabalho de doutorado e do período em que trabalhei na análise do discurso sobre a privatização da telebrás, um acontecimento de ampla repercussão que colocava em jogo os sentidos de 'privado' e 'público', acionados no discurso da imprensa hegemônica paulistana, que eu colocava finalmente em análise. Pude observar que havia ali uma batalha discursiva que buscava afastar os sentidos do bem-estar social dos entes estatais e transferi-los para o setor privado, sem abalar os sentidos do valor dos bens públicos. Privatizar era necessário para que o público se fortalecesse. Privatizar para tornar 'público' foi o título da tese, trabalho que me abriu certamente uma vereda intelectual que até hoje não consigo dimensionar ao certo, mas é inegável que minha apreensão da linguagem se modificou substancialmente. Minha formação se completou com um estágio de doutorado sanduíche na França, na Paris XII, onde pude observar desdobramentos da Análise de Discurso na França, tão diferentes do que vivemos no Brasil, que podem nos inspirar em direções variadas, mas que sempre vão nos exigir a reflexão sobre o que se apaga e o que se

valoriza. Enfim, sobre o que se esquece. O estranhamento teórico é inevitável e bastante produtivo. E o que se esquece e apaga é sobretudo o materialismo histórico, a ideologia e as injunções do sujeito afetados por formações e discursos que não são unidirecionais, tampouco únicos. E aqui devemos reiterar que o discurso está na língua, mas não se reduz a ela. Findo este período, o que todo doutor recém-doutor pensa é: que fazer? Como continuar pesquisando? Como viabilizar materialmente a vida? Tinha para mim que não retornaria ao mercado da comunicação. Já estava inserido no contexto acadêmico universitário. Passei a cumprir o ritual de publicações e transformei a tese em livro. Precisava de interlocução em São Paulo, dado que as obrigações entre 2008 e 2013, não permitiam grandes deslocamentos da cidade. Após lançar o livro, comecei a pensar em encontrar um grupo de pesquisa por aqui, a fazer um projeto de pós-doutorado. Os processos de interdição e censura contemporâneas começaram a chamar minha atenção. A reflexão de Orlandi sobre o silêncio me abriu possibilidades para pensar na censura. Talvez fizesse um trabalho de cunho histórico, mas não sabia ao certo. Foi quando tomei contato com Observatório de Comunicação, Censura e Liberdade de Expressão. Comecei a ler a produção do grupo, mas era um namoro à distância. Num certo dia, decidi vir para um seminário. As apresentações estavam mornas. Quando a professora Roseli, em sua fala, comentou de que estava tentando estudar censura no mundo do trabalho, aquilo me chamou atenção. A firmeza da posição analítica, a herança materialista em hipótese nenhuma negada na sua fala, era notável. É isso mesmo, pensei. Lá vou eu de novo me meter em confusão não só teórica, porque ia me dar muito trabalho observar essa questão. Então, inciei o projeto aqui junto ao CPCT, que desenvolveu abordagem teórica-metodológica para tratar do trabalho, trabalho complexo e instigante. O uso de métodos variados me pareceu uma grande oportunidade de transitar também no amplo universo das Ciências Sociais. Meu objeto de pesquisa – a liberdade de expressão no mundo do trabalho, o avesso da censura, estratégia para justamente observá-la em organizações – também exigia um tratamento teórico multidisciplinar. Estava feliz com a escolha e comprometido com o trabalho. Não posso negar que vir de uma outra formação, de um outro contexto acadêmico no meu doutorado no IEL, produziu em mim mais estranhamentos bastante produtivos teoricamente, questões conceituais que acredito podem ser afinadas, reelaboradas, para um diálogo mais forte e denso entre a comunicação e a análise do discurso. E aqui mais precisamente entre o binômio comunicação e trabalho, proposto por Figaro, e a tradição materialista de Análise de Discurso. Para tanto, na continuidade deste texto, busco tecer algumas

considerações, num movimento que vai da Análise do Discurso para a Comunicação. Seria importante também que houvesse uma análise no movimento contrário, mas acredito que essa sugestão ficará para uma próxima oportunidade. Quero aqui destacar que esta reflexão não está fechada. É apenas um ponto de partida para nós.

Aparentemente dada como necessária e lógica, a relação entre a comunicação e as ciências da linguagem e a análise de discurso é complexa. Uma grande dificuldade de diálogo e de produção de pesquisas conjuntas se observa, o que deixa a impressão de que ambos domínios compartilham objetos para suas análises e alimentam uma troca clandestina, por vezes, desconfiada uma da outra. Para Oger (2008), apesar das ciências da linguagem terem se encontrado com a ciências da comunicação depois de muito tempo, a relação entre estes domínios ainda é decepcionante. Isso porque as ciências da linguagem de modo geral veem com desconfiança a atração exercida em alguns analistas e linguistas por corpus midiáticos. De sua parte, as ciências da comunicação destacariam apenas os aspectos metodológicos das ciências da linguagem, buscando ferramentas ou esquemas de análise para compreender os sentidos nos corpus midiáticos. Em todo caso, esta relação tensa, segunda autora, permite a evolução de concepções em ambos os domínios em questões como lugares sociais ocupados pelos sujeitos e produção de sentido, aspectos mobilizados tanto nas ciências da linguagem, em especial na análise de discurso, como no amplo espectro das ciências da comunicação. E como destaca Figaro (2008): nem sempre a linguagem verbal tem recebido um tratamento teórico-metodológico adequado nos estudos de comunicação. Ora, ela é tomada apenas como materialidade linguística, fora de seu contexto de enunciação e de sua produção discursiva, ora é ignorada quanto à sua especificidade linguística.

Logo no início de seu texto (Re) ler Michel Pêcheux hoje, Mالدیدیر (2003, p. 15) faz uma consideração que me parece determinante para pensarmos as articulações entre análise de discurso e outros domínios das ciências. Diz a autora que o que o discurso representa no pensamento de Pêcheux parece perdido. Conceitos forjados por ele estariam em ´errância, cortados do terreno em que foram elaborados, traço teórico de que se esqueceu o enunciador. Segundo esta autora, o pensamento forte de Pêcheux não produziu nem síntese, nem sistema, mas deslocamentos e questionamentos. Diria que esta síntese talvez não se complete pela própria forma de pensar a linguagem que Pêcheux instaurou. A linguagem e o discurso se tornam um

campo de questionamentos e reelaboração, cuja abertura para outras análises e construções se torna possível, porque, como explica Malidier (2003, p. 16): 'O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrinca literalmente todas as grandes questões sobre língua, a história e o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento. Michel Pêcheux esteve ao mesmo tempo do lado da teoria do discurso e do lado da análise de discurso.' Como explica Henry (2002, p. 35), o problema de fundo na obra de Pêcheux, era a ligação entre sujeito da linguagem e a ideologia, mesmo que tenha havido reformulações desde suas primeiras obras, entre a *Análise Automática do Discurso*, até a *Língua Inatingível*, com Françoise Gadet, na qual aborda a linguística e suas ambiguidades na distinção entre o que faz e não faz sentido, tomada como problema teórico e político. O trabalho de Pêcheux, ao mesmo tempo no campo teórico e nos procedimentos de análise, foi uma estratégia que, segundo Henry, produziu inconvenientes: ficou aberta a possibilidade de que a Análise de Discurso fosse tratada como instrumento ou uma ferramenta no sentido empírico (HENRY, 1997, p. 36), ainda que Pêcheux tenha tentado impedir tal desvio. Mesmo assim, é necessário admitir, continua Henry, que os conceitos elaborados por Pêcheux e os instrumentos científicos não foram feitos para dar respostas, mas para colocar questões. A primeira dificuldade a enfrentar é a produção de uma análise que não se fecha, que não oferece respostas, mas abre a possibilidade de questionamento e interpretações.

Essa aventura teórico-analítica que, como dissemos acima, permite assim a articulação, como mencionamos acima de áreas diversas, divisoras de águas no pensamento contemporâneo, a saber: o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística. A pergunta que devemos nos fazer, ao adotar conceitos os princípios teóricos desta vertente de estudos me parece ser: que posições adotamos frente à psicanálise, ou seja, em relação ao sujeito; ao materialismo histórico – ao marxismo, enfim - e a linguística, tido como ciência da língua? Como construir estas relações de modo a atenuar as tensões advindas do encontro de campos teóricos e disciplinares? E aqui retomo o trabalho de Orlandi acerca do nó a que se refere Malidier e que está presente nas formulações teóricas de Pêcheux.

Diz Orlandi (2002, p. 16): Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visavam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística. A ideologia está materializada no discurso, que, por sua vez está materializado na língua, ponto de observação das relações discursivas. E neste ponto devemos admitir que conceitos trabalhados por Pêcheux sobre o sujeito são determinantes para a compreensão de como a análise de discurso nessa tradição deve ser trabalhada. Não há discurso sem sujeito e sem que este sujeito esteja afetado pela ideologia. E é justamente pela interpelação ideológica que se podem compreender os movimentos de sentido e como a língua em funcionamento pela produção discursiva realizada no e pelo sujeito traz este sentido. Na concepção de Pêcheux, na elaboração que vai da Análise Automática do Discurso (Gadet; Hack) à Semântica e Discurso (1997) esta produção discursiva pode ser compreendida se considerarmos que há dois esquecimentos que se produzem na formulação do discurso. O primeiro deles é o de que o sujeito não é o centro do sentido. Para significar, ele se submete à ordem da língua e do discurso, de formações discursivas às quais adere e em seu interior se movimenta e assume posições. O sentido sempre pode vir a ser outro, não sendo, portanto, único nem totalizante. E este, na concepção de Pêcheux, é o segundo esquecimento que ocorre nos sujeitos. Há assim uma relação indissociável entre sujeito e o próprio sentido, como desenvolveu Orlandi (2003), afirmando a simultaneidade nesta constituição. Para nós, aqui, portanto, compreender os movimentos do sujeito, a partir da análise materialista, é assumir uma posição sobre este sujeito e seu estatuto. E assim, cito novamente Orlandi (2001, p.99):

A subjetividade pode interessar discursivamente, pelo fato de que ela permite compreender como a língua acontece no homem. A subjetividade é assim estruturada no acontecimento do discurso. Dito de outra forma, o acontecimento significativo que é o discurso tem como lugar fundamental a subjetividade. E para compreendermos esse acontecimento é preciso acrescentar que o deslocamento heurístico da noção de homem para a do sujeito, deslocando ao mesmo tempo o modo como se configuram as ciências humanas e sociais. São três regiões de conhecimento que apontam para essa reconfiguração: o marxismo que afirma a não-transparência do sujeito) e a linguística (que se constitui na não-

transparência da língua). O que acarreta imediatamente dois deslocamentos paralelos: o de sentido e o da própria língua, posta esta em sua relação com a história. A análise de discurso é a forma de conhecimento que realiza em seu objeto – discurso – a conjunção desses três modos de ‘opacidade’: a do sujeito, a da língua e a da história

Seguindo, portanto, a trilha de nosso texto, já que abordamos em linhas gerais, a questão do sujeito para Análise do Discurso, é importante termos em mente as relações com o materialismo histórico e a proposta pecheutiana. Certamente, acredito teremos menos dificuldade de aceitar uma abordagem materialista, o que não significa que as reflexões não sejam complexas e nos custem deslocamentos, dada a herança althusseriana no pensamento de Pêcheux. Henry (1992) afirma que a luta de classes representa a posição de objetividade e da verdade científica no que se refere à história concreta dos homens concretos no campo da própria luta de classes. Constitui-se, dessa forma, uma verdade prática e que visa a realidade não como coisa, mas como processo material. Henry explica ainda que a contribuição de Marx para a teoria do processo de produção do conhecimento científico reside na relação estabelecida pelo filósofo entre a forma-sujeito do político e a forma-sujeito do conhecimento científico, o que faz com que o processo de produção do conhecimento científico possa ser compreendido no campo da luta de classes. Assim considerada, a posição do sujeito na ciência não é a de um sujeito universal, cujo fundamento é mental ou orgânico, mas a de um sujeito histórico submetido à luta de classes. Do ponto de vista das classes dominantes, o sujeito da ciência será aquele que representa a objetividade e a verdade científicas. Ao contrário, o materialismo histórico, supõe um sujeito da ciência integrado à luta de classes.

Da mesma forma, Pêcheux (1997b, p. 190) considera que a história da produção do conhecimento científico não se dissocia da história da luta de classes e está inscrita nela. Como consequência, a produção científica não pode ser pensada como ‘inovação das mentalidades’, ‘criação da imaginação humana’, ou um desarranjo nos hábitos do pensamento’ mas como efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância, pela própria produção econômica. Nesse processo, afirma Pêcheux, é absolutamente impossível encontrar o discurso científico sem relação com alguma ideologia (PECHEUX, 1997b, p. 198). Henry afirma também que é necessário compreender como os agentes do sistema produtivo

reconhecem seu lugar sem terem recebido uma ordem para tal, ou mesmo sem 'saber' que há um lugar definido para eles no sistema de produção. Assim, quando alguém ocupa este lugar no sistema de trabalho, o processo de definição desses lugares se deu anteriormente e é apagado, deixando vestígios nas formulações discursivas e nos modos de circulação do discurso. Por isso, compreender este processo, ao mesmo tempo mascarado e realizado e o papel da linguagem, significa renunciar a concepções de que a linguagem é um mero instrumento de comunicação.

Temos uma formulação que certamente se relaciona diretamente com a abordagem que procuramos conferir às nossas análises no espectro do binômio comunicação e trabalho. Abrimos assim a possibilidade de pensar e analisar as condições de produção em que se dão os discursos que analisamos. O conceito de condições de produção, deslocado para o campo dos estudos discursivos a partir da noção de condições econômicas de produção derivadas do pensamento de Marx, foi trabalhada por autores como Pêcheux (1997) e Courtine (2009).

Pêcheux (1997a, p. 74) designa por processo de produção o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em 'circunstâncias dadas'. Assim considerados, os processos discursivos devem ser estudados em duas ordens de pesquisas. A primeira delas busca analisar as variações específicas em dimensões semânticas, retóricas e pragmáticas que se relacionam às dimensões da língua. A essa primeira abordagem, deve-se associar uma segunda, que inclui o estudo das circunstâncias do discurso – denominada de condições de produção – e seu processo de produção, o que se aproxima das noções de contexto e de situação na linguística. Assim, Pêcheux, esclarece a questão das condições de produção, em suas formulações iniciais:

Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido de oposição: é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está 'isolado' etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz: um discurso pode ser um ato político direto ou gesto vazio, para 'dar o troco', o que é uma outra forma de ação política. Podemos evocar aqui o conceito de 'enunciado performativo' introduzido por J. L. Austin, para sublinhar a

relação necessária entre um discurso e seu lugar em um mecanismo institucional extralinguístico. (PECHEUX, 1997a, p.77).

Os lugares determinados na estrutura de uma formação social que são passíveis de descrição sociológica a partir de conceitos de classe social, gênero, escolaridade, faixas etárias. estão representados, na concepção teórica de Pêcheux, nos processos discursivos do qual fazem parte como formações imaginárias que correspondem a lugares atribuídos a si e ao outro, ou seja, a imagem que fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Assim:

Existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentamos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar. (PECHEUX, 1997a, p. 82-83).

Nessa perspectiva, conforme explica Lagazzi (2011, p. 498), o sujeito não domina os sentidos, dizendo o que é possível ser dito a partir das posições que o constituem. Ademais, reconhece-se que as condições de produção do discurso são determinações históricas não evidentes para o sujeito, mas que o levam a produzir respostas considerando as relações de força presentes na sociedade capitalista, que se caracteriza 'pela venda da força de trabalho de todos, nas mais diferentes funções que possamos ocupar e com os mais diferentes salários que recebamos'. A AD nos permite formar um dispositivo de leitura para compreender os gestos de interpretação que se produzem em diferentes condições e as posições-sujeito que os sustentam.

Henry nos ensina que Pêcheux ambicionava abrir uma fissura teórica e científica no campo das Ciências Sociais. Nesse sentido, ele se apoiava sobre o pensamento de Althusser, que a seu ver, provocara uma reviravolta na problemática dominante nas ciências sociais: o materialismo histórico na leitura althusseriana, na sua articulação com a psicanálise lacaniana e o estruturalismo se impõem na formulação conceitual de Pêcheux. Devemos ter em mente, portanto, que o materialismo histórico presente na sofisticada elaboração conceitual de Pêcheux é de extração althusseriana. O que isso significa para nós? Como construir uma diálogo fecundo entre a comunicação e análise do discurso materialista tendo em vista toda a divisão de sentidos

que se operam no interior das muitas tradições intelectuais que produzem leituras e interpretações da obra profícua de Marx? A meu ver, o trabalho feito por Pêcheux, em diálogo com seu tempo e as questões postas no ambiente intelectual francês e nos tensionamentos produzidos pela leitura marxista na França, abrem para nós uma forma de tratamento da linguagem e do discurso não presente em outras tradições igualmente materialistas, em que os conceitos sobre o discurso são menos desenvolvidos ou inexistentes. Reivindicar a posição materialista, em que a luta de classes, exerce um papel determinante na forma como se organiza a sociedade e nos sentidos que são construídos a partir dessa estrutura, desigual e contraditória, nos ajuda a compreender as incidências do político na materialidade do discurso e da língua, dividindo e instaurando sentidos na busca por uma hegemonia interpretativa nem sempre percebida como tal.. Há uma disputa de sentidos política que se opera na linguagem, causando a divisão destes sentidos (ORLANDI, 1998) e, ao mesmo tempo, produzindo hegemonias de sentido que também interditam a emergência de outros sentidos e de certas formações discursivas.

Por fim, há uma posição a ser trabalhada na comunicação acerca dos estudos da linguagem. Neste ponto, acredito que as afinidades são grandes. Ao explorar a situação da linguística em *Semântica e Discurso*, Pêcheux se refere à dominância das tendências formalista-logicista, à tendência histórica e a da linguística da fala, que se baseia na crítica do primado linguístico da comunicação. Sua construção teórica explora as contradições entre sistema linguístico e determinações não-sistêmicas que, à margem do sistema, se opõem a ela e intervêm nele (PECHEUX. 1997, p. 22). Desse modo, a língua como sistema se encontra ligada à história e aos sujeitos. Tal contradição afeta o modo como as pesquisas científicas se desenvolvem, sobretudo no campo da semântica em geral. Pêcheux afirma que seu estudo visa contribuir para o desenvolvimento dessa contradição sobre uma base material e no interior do materialismo histórico.

É inegável que o conhecimento dos processos discursivos é fundamental para a formação de pesquisadores e profissionais no campo das ciências humanas e da comunicação. Como explica Figaro (2008, p. 10), o campo da comunicação tem por objeto conhecer o processo comunicativo, ou seja, as interações que se dão entre sujeitos históricos e os modos de produção/recepção de técnicas, estéticas e sentidos dessas inter-relações: aí instituídos códigos,

linguagens, suportes que os viabilizam bem como os constrangimentos econômicos e políticas de sua estruturação institucional. O conceito de comunicação é desafiador para os pesquisadores. Escolhas são feitas permitindo o ordenamento de sentidos e o direcionamento da nossa prática científica: a comunicação é entendida por nós como ‘característica constitutiva do humano, presente em toda a relação social, inclusive nas formas de organização institucional e econômica, incorporado aos processos produtivos.’, ainda conforme Figaro (2008, p. 10). Compartilhamos com a Análise de Discurso materialista a ideia de que a comunicação não se restringe a transmissão de informação e define a convivência social.. Nossa abordagem teórica de comunicação abarca as relações de sentido, construídas no processo comunicação, na formulação de enunciadas e frases.

A construção dos objetos na perspectiva da linha de pesquisa de Comunicação e Trabalho exige uma abordagem que abarque sua dimensão complexa, inter e transdisciplinar. O enquadramento proposto por Figaro (2010b) parte inicialmente da abordagem de Leontiev (1976), que considera que linguagem e trabalho se vinculam desde a origem da atividade produtiva. Assim, conforme expõe Figaro:

Nessa abordagem a comunicação não é instrumento e a linguagem não tem apenas a função de comunicação; a comunicação por sua vez não é transmissão de informação, não é transparência, visto que não é essa a maneira de o ser humano construir sentidos. (FIGARO, 2010b, p.6).

Constroem-se interfaces em que atuam a sociologia do trabalho, a ergologia, os estudos de recepção e a análise de discurso. Dessa forma, o mundo do trabalho passa a ser compreendido dentro de um processo amplo e contínuo de reestruturação produtiva do capital, que afeta organizações e trabalhadores, num momento em que a racionalidade administrativa e o controle social do trabalho são intensificados, aspectos que podem ser trabalhados no diálogo mais próximo com a análise de discurso.

Como procurei destacar ao longo desse texto, as relações entre Análise de Discurso materialista e a Comunicação, em especial o binômio Comunicação e Trabalho, exigem a reflexão acerca do estatuto do sujeito, o materialismo histórico e as perspectivas adotadas no estudo da linguagem. O caminho fácil é esquecer ou fingir que tais questões não devam ser tratadas. Neste caso, teremos na AD materialista um dispositivo para análise, a ser descrito como capítulo metodológico. Ao passo que se enfrentarmos as questões teóricas que permanecem

´travando´ a construção do conhecimento de ambas as partes, teremos uma oportunidade para um exercício criativo. Como pontuei acima, é necessário também que a reflexão seja feita a partir dos estudos da comunicação, no caminho já proposto por Figaro (2008). Para o momento, acredito que uma boa alternativa seria pensarmos em nossos trabalhos, como sugere Orlandi (2002,p.9), como podemos tratar a comunicação nas mesmas instâncias de produção do discurso, que abarcam a constituição, a partir da memória do dizer pela intervenção do contexto histórico-ideológico mais amplo; a formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; e sua circulação, em certa conjuntura e em certas condições.